

VIOLAÇÃO SEXUAL

Mal social que destrói sonhos de raparigas

TRÊS em cada 10 mulheres sofrem diariamente violência sexual na sociedade moçambicana. Algumas ficam sem acesso à justiça e com sequelas graves que as limitam de continuar a ter uma vida normal, como ir à escola e ao trabalho.

Ntavase é uma das sobreviventes que, aos dez anos, em 2019, foi estuprada por um indivíduo de 36 anos de idade e até hoje clama por justiça, que seria a condenação do agressor pelo acto.

Na sequência deste acto criminoso, a menor contraiu lesões graves, o que contribuiu para a perda de fezes sem controlo, pois desenvolveu uma fístula perianal causada pela penetração forçada no canal rectal. A fístula perianal é uma espécie de ferida que se forma desde a última porção do intestino até à pele do ânus, criando um estreito túnel que provoca dor, vermelhidão e sangramento pelo ânus.

O nome Ntavase não é verdadeiro, foi escolhido para retratar a história de uma menina que viu a sua vida mudar desde que foi estuprada por um homem, por sinal tio da sua melhor amiga e, na altura, colega de escola. A menor perdeu aulas porque passava mal de dores e não conseguia sentar. Já foi hospitalizada por duas vezes e passou por situações de ter que estar à frente do seu agressor para reconhecimento.

Com recomendações mé-



Kátia Taela, Dalila Macuácua e Benilde Nhalivilo, representantes das organizações que se juntaram em prol da celeridade da justiça

dicas para a fisioterapia e acompanhamento psicológico, assim como a ajuda da mãe e da avó, Ntavase está a recompor-se e pode não precisar de ser submetida a cirurgia para a correcção do canal rectal.

A situação desta menina e de muitas outras vítimas de violência sexual despertou a atenção de algumas organiza-

ções da sociedade civil que, na quarta-feira, 24 de Março, lançaram, em Maputo, uma campanha denominada “Sou Ntavase. Fui violada, exijo justiça”.

Entretanto, informação partilhada na ocasião revela que a Polícia da República de Moçambique (PRM) registou em 2019, na cidade de Maputo, mais de 200 casos de violação

sexual, das quais 42 em menores de 12 anos de idade.

Para Dalila Macuácua, coordenadora da ASCHA, estes são os números conhecidos, mas presume-se que haja mais casos de vítimas cujos representantes não denunciam devido a ameaças dos violadores e estigma da comunidade.

“É preciso pôr um ponto

final aos crimes de violência sexual. É igualmente urgente desconstruir e combater de forma vigorosa os valores que justificam e legitimam todas as formas de violência contra mulheres. O mundo não pode continuar tão hostil e injusto para as mulheres e crianças”, refere uma nota da sociedade civil.

Expectativas defraudadas

A CAMPANHA foi lançada um dias antes da comemoração dos 45 anos da independência nacional. Para o Fórum da Sociedade Civil para os Direitos da Criança (ROSC), a Associação Sociocultural Horizonte Azul, a WLSA Moçambique e a Associação Moçambicana para Mulheres de Carreira Jurídica, o país conseguiu eliminar o colonialismo, mas ainda falta a garantia dos direitos humanos das mulheres e crianças.

Tânia Faela, coordenadora de programas da WLSA Moçambique, explica que Moçambique pode celebrar a aprovação de instrumentos legais como a Lei da Família, Lei das Sucessões, Estratégia Nacional de Prevenção e Combate às Uniões Prematuras, Lei de Prevenção e Combate às Uniões Prematuras e a revogação do Despacho número 39/2003/GM/MINED e a presença de muitas mulheres em lugares de tomada de decisão.

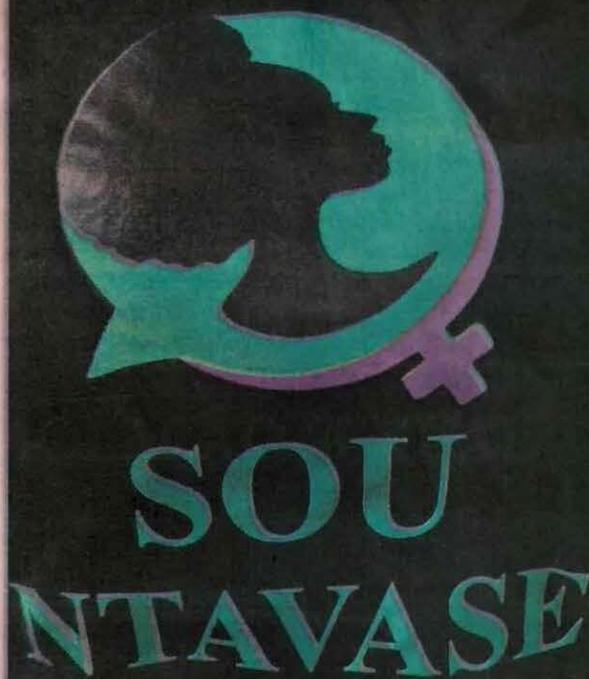
“Com a independência, eliminamos o colonialismo, mas para nós, mulheres, é patente que não alcançamos a independência dos nossos corpos e das nossas vidas. A violência de

género é endémica e acompanhada pelo seu cortejo de argumentos desculpabilizantes dos agressores e incriminadores das vítimas”, anotou Tânia Faela.

A preocupação destas organizações da sociedade civil aumentou, pois devido à pandemia da Covid-19 as pessoas são recomendadas a ficar mais tempo em casa, o que, segundo elas, cria situações de as vítimas de agressão se verem obrigadas a viver sob mesmo tecto com os seus agressores.

Referem ainda que, enquanto crescem os índices de violência doméstica e sexual, assim como as uniões prematuras, as instituições que deveriam enquadrar estes crimes na Saúde e Justiça continuam a não dar o devido acompanhamento por preconceitos e ideias que se tem sobre as mulheres, e não necessariamente por falta de meios de trabalho como se tem justificado.

“As instituições da Justiça ainda estão muito aquém de prover às mulheres o direito à vida, à dignidade e a viver sem violência”, apontam.



O símbolo da campanha de luta contra a violação sexual na sociedade moçambicana

Falta celeridade processual

PARA estas organizações, as fragilidades de algumas instituições do Estado colocam mulheres e meninas como Ntavase sem acesso à protecção, justiça e melhores cuidados de saúde, sobretudo quando são vítimas de violação sexual.

Anotaram que, para o caso de Ntavase, quando a família a levou ao hospital não se cumpriu todo o protocolo legislativo para situações de violação sexual, que inclui o atendimento rápido nos serviços de urgência sa-



Há que garantir maior protecção a meninas no nosso país

nitária mais próximos e a profilaxia pós-exposição para reduzir os riscos de infecção pelo HIV.

Por isso, segundo Benilde Nhalivilo, directora executiva da ROSC, a campanha visa chamar atenção à sociedade e, em particular, ao sistema da Justiça para que dê celeridade e seguimento aos casos de violência contra mulheres, em particular a sexual.

“Comprometemo-nos a fazer pressão e influenciar para que os casos de violação sexual que chegarem até nós tenham

seguimento e julgamento. Por isso, todas as quartas-feiras publicaremos um caso de violação sexual para que se tenha conhecimento”, disse.

Contudo, segundo esta activista social, o mais importante é que todos os moçambicanos abracem a luta contra a violência na sociedade.

“Sim, vencemos a independência política, mas precisamos conquistar a nossa liberdade e igualdade de direitos e oportunidades. Solicitamos que a justiça seja célere”, finalizou.